



verve

Um homem de ideias na sociologia uruguaia...

um homem de ideias na sociologia uruguaia: alfredo errandonea na lembrança

christian ferrer

I

Na minha lembrança, Alfredo Errandonea tinha o porte e a figura de um rinoceronte. Era alto, volumoso e forte. Dele emanava a verve do homem que se lança com gosto, mesmo sozinho, às batalhas perdidas de antemão. A voz era um vozeirão que lhe cabia bem. Muitas vezes suas opiniões tendiam à ênfase; em todo caso, era pessoa que se apaixonava se o tema da conversação dizia respeito à política ou às ideias.

Agradava-lhe argumentar. Lembro-me dele como um amigo impulsivo, um pouco desorganizado, cuja generosidade e modos libertários não se contradiziam plenamente com uma vontade poderosa, por vezes autocrática, que costumava relaxar-se com uma gargalhada potente e rasgada, tão espontânea quanto contagiosa. Desse modo acabavam suas raivas e indignações: como uma gargalhada nascida no fundo da barriga. Ainda que não me recorde de vê-lo pre-

*Christian Ferrer é sociólogo e professor na Universidade de Buenos Aires.
Contato: cferrer@fibertel.com.ar.*



parando mate, Alfredo era inconfundivelmente uruguaio. Além disso, era sociólogo e anarquista.

Foi uruguaio sempre, do princípio ao fim, o que já pressupõe um estado de espírito peculiar, como que parado no tempo, e ainda assim, uma disposição cívica ativa e prudente. A sociologia e o anarquismo foram paixões que trouxe da juventude, vivida no começo da década de 1950. Naquela época, o Uruguai tradicional, também chamado de “batllista”¹, havia começado a ruir. Daqueles tempos para adiante não haveria mais estabilidade política garantida na “Suíça do Cone Sul”. Nesse novo contexto, incerto e conflituoso, Alfredo Errandonea portou-se como um homem “de sua época”, a qual queria compreender e transformar. Na linguagem daquele tempo, ele era um “revolucionário”. No âmbito da sociologia, Errandonea foi protagonista da instauração de uma versão moderna e científica desse saber social, um processo comum a tantos países da América do Sul. E entre os anarquistas, seus companheiros, cujas glórias pareciam esquecidas, se destacou como dirigente estudantil e atualizador de sua doutrina. Enquanto isso, o Uruguai seguia vivendo do seu passado, um clima bucólico, mesmo que as discórdias que pouco depois se abateriam sobre o “paisinho” já estivessem semeadas e quase no ponto da colheita.

II

Errandonea foi contemporâneo do ciclo inteiro de construção da sociologia uruguaia moderna, que começou com a formação de “quadros profissionais” na década de 1950, quando ele era muito jovem e a disciplina experimentava sua fase pioneira. Errandonea acompanhou



Um homem de ideias na sociologia uruguaia...

seu desenvolvimento institucional e seu desdobramento “científico”, incomodando-se logo depois por conta das agitadas polêmicas teóricas dos anos 1970. Passou pelo fechamento do curso de Sociologia durante a ditadura (1973-1985), por seu renascimento em meados da década de 1980 e pela posterior criação da Faculdade de Ciências Sociais.

De modo que a vida de Alfredo correu paralela à da sociologia uruguaia – para não dizer da latino-americana – em todas as suas etapas: fundação, institucionalização, batalha de ideias, exílio e ressurreição. A sociologia foi, então, sua profissão, mas também sua posição de combate; posição que naquele tempo os anarquistas se interessaram por supostas vantagens analíticas e preditivas encontradas nessa ciência social moderna, que deixaram marcas em homens como os argentinos Gerardo Andújar, Jorge Solomonoff e Julio Mafud, todos eles sociólogos, e também em Eduardo Colombo, ou no uruguaio Rafael Spósito.

No começo de tudo, foi professor auxiliar, no curso de formação de notários, de um importante sociólogo uruguaio, Aldo Solari, diretor do Instituto de Ciências Sociais, criado em 1958 na Faculdade de Direito, onde já existia uma cátedra de sociologia desde começos do século XX. Dessa época datam os primeiros trabalhos empíricos de importância no Uruguai, contrapostos, segundo a tendência da época, à sociologia professoral, amadora ou ensaística.

Alfredo Errandonea, como tantos outros, foi impactado pela teoria da modernização e o desenvolvimentismo em voga naqueles anos, mas também tinha consciência de que o compósito de pitadas liberais, intervenção estatal e políticas socialdemocratas – hegemônico no Uruguai – estava



condenado a deteriorar-se e sucumbir, ainda que demoras-se uma década para desmoronar totalmente. Não obstante, Alfredo não acreditava na “neutralidade valorativa” do ponto de vista sociológico e, com o tempo, passou a suspeitar que o progresso científico-tecnológico e a transformação social emancipadora pudessem ser termos antagônicos.

Em meados da década de 1960, Errandonea viveu no Chile para fazer seus estudos pós-graduados na Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais dirigida pelo anarquista suíço Peter Heintz. Era um lugar de reunião de jovens cientistas sociais de toda América Latina, onde se inoculavam os pressupostos do neopositivismo lógico que, no caso de Alfredo, foram temperados por leituras da obra de Max Weber e pelas ideias libertárias. Ainda que após o período “heroico” de formação da disciplina houvesse aparecido uma geração egressa de instituições sociológicas, o período entre 1968 e 1973 foi uma etapa de intensa aceleração histórica. Eram tempos da crítica ao desenvolvimentismo, à teoria estrutural-funcionalista de corte estadunidense, à modernização pela via capitalista e, também, à democracia formal. Some-se a isso o impacto da chamada Teoria da Dependência e da Revolução Cubana e será possível compreender porque a insurreição popular parecia a única alternativa política a interessar os jovens sociólogos.

O primeiro livro de Errandonea, intitulado *Explotación y dominación*, publicado em 1972, é um breve escrito teórico que se destacava pela primazia dada à categoria “domínio” sobre os pressupostos economicistas da esquerda para entender as injustiças e sujeições. Era preciso ter um forte ímpeto dissidente para publicar esse opúsculo em anos de dogmas marxistas estereotipados ainda triunfantes.



Um homem de ideias na sociologia uruguaia...

Não obstante, discutir com o marxismo sobre a fonte de onde emana o poder hierárquico é uma obsessão antiga dos anarquistas. Mas o livro mal pôde ser distribuído. Poucos meses depois de ser editado, o presidente Juan María Bordaberry deu um autogolpe de Estado. O que se seguiu foi a perseguição, prisão, desapareições e exílio para milhares de uruguaiois. Alfredo Errandonea foi um dos muitos que preferiram ir à Argentina, onde outra ditadura estava instalada no poder. Também seu irmão, o ceramista Jorge Errandonea, teve que partir.

Em Buenos Aires, Alfredo deu consultoria – atividade própria da sua profissão – e deu aulas na Universidad del Salvador que, dirigida por jesuítas, era a única instituição universitária que dava refúgio a professores com ideias de esquerda. Essa foi a época em que prosperaram os Centros Privados de Pesquisa, que já então impulsionavam uma forte tendência à especialização e ao academicismo. Em 1986, participando de uma comissão de reorganização, Alfredo voltaria a ter um papel destacado na reconstrução da graduação de Sociologia da Universidad de la República, em Montevideu, que tinha sido fechada doze anos antes pelo governo de facto de Bordaberry. Nesse mesmo ano, foi nomeado diretor do Instituto de Ciências Sociais, um cargo que vinte anos antes havia ocupado seu pai, Alfredo M. Errandonea, um advogado que se dedicou à ciência política. Em 1992, Alfredo chegou ao cargo de diretor do novo Departamento de Sociologia. Na Universidad de la República, como também na Universidad de Buenos Aires, Alfredo deu muitos cursos para futuros diplomados – incluindo a mim –, ainda que eu me lembre com maior carinho das aulas sobre anarquismo que oferecia a garotos muito jovens, durante a ditadura militar, num casarão da



Rua Brasil, onde uma placa de bronze na porta afirmava funcionar ali a Sociedade Amigos da Ciência, subterfúgio que disfarçava o local da Federação Libertária Argentina.

III

Desde sempre os alunos de sociologia da Universidad de Buenos Aires nutriram uma profunda aversão pelas matérias metodológicas, de modo que muito poucos descobriram que o professor Errandonea era, além de metodólogo, anarquista. Tampouco se sabia de seu notório passado de dirigente estudantil uruguaio. Mesmo tendo vivido muitos anos em Buenos Aires, e ainda que cruzasse a “poça”² todas as semanas em ambos os sentidos para dar suas aulas, seu mundo intelectual e afetivo estava em Montevideú. Nessa cidade, de tamanho amável e de encontros a pé, todos o reconheciam e ninguém ignorava sua condição de anarquista.

Em meados da década de 1950, muitas agrupações, até então dispersas, decidiram coligar-se na Federação Anarquista Uruguaia, e Alfredo Errandonea foi um dos seus membros fundadores. Naquele momento, as ideias libertárias já circulavam há um século no país, já que em 1844 foi editada em Montevideú uma revista orientada pelo pensamento do utopista Charles Fourier. Mais adiante, no início do século XX, os anarquistas organizaram a Federação Operária Regional Uruguaia, enquanto publicavam muitos periódicos como *El amigo del Pueblo*, *El Hacha [A Tocha]*, *El Internacional*, *El Derecho a la Vida*, *La Guerra Social* e *La Idea Libre*. O surgimento do anarquismo no Uruguai seguiu o mesmo padrão da Argentina e do Brasil: primeiras notícias trazidas pela imigração europeia, difusão da “Ideia” por publicações, fundação de sindicatos. A proximidade



Um homem de ideias na sociologia uruguaia...

geográfica entre Buenos Aires e Montevideu garantia influências e acordos com a Federação Operária Regional Argentina. Era-lhes natural a coordenação de ideias e estratégias, especialmente em tempo de perseguição, porque eram co-partícipes de um mesmo processo. Quando a repressão estreitava o campo de ação, uma ou outra cidade se transformava em refúgio e centro de congregação e irradiação de panfletos e publicações.

Quando Errandonea se juntou às Juventudes Libertárias, existentes desde 1938, parecia que o fôlego do anarquismo havia se esvaído. Eram-se os tempos em que a maioria dos operários filiava-se à FORU, fundada em 1905, mas inativa a partir de 1950. Já não estreavam peças teatrais nas sedes sindicais, não se abriam centros de estudos sociais, tampouco se publicavam tantos periódicos. Também havia ficado para trás – ou ficado na prisão – os pistoleiros anarquistas dos anos 1930, a época dos assaltos a bancos, as fugas massivas da prisão, os enfrentamentos e tiroteios com as forças da ordem e a morte a tiros do comissário de polícia Pardeiro, um torturador. Além disso, não foram poucos os ácratas que, em seu momento, se entusiasmaram com as políticas reformistas do presidente José Batlle y Ordoñez, dando origem à tendência anarco-batllista. Por outro lado, os comunistas uruguaiois competiram com os anarquistas a fim de lhes roubar o protagonismo.

Apesar de tudo, o anarquismo não havia desaparecido. Pelo contrário, nos anos 1950 os grupos anarquistas começaram a florescer novamente, impulsionados pela ação dos refugiados da Guerra Civil espanhola (1936-39). Foi por essa época que Alfredo Errandonea começou a participar ativamente das lutas da Federação dos Estudantes Universitários do Uruguai.



À Federação Anarquista Uruguiaia, fundada em 1956, confluíram as Juventudes Libertárias, a Agrupação Libertária Cerro-La Teja e o periódico *Voluntad*, existente desde 1938 e onde Alfredo escrevia sobre atividades sindicais. O jornal foi rebatizado *Lucha Libertaria*, transformando-se no órgão da FAU. Também nesse ano foi fundada a Comunidad del Sur, uma experiência de vida em comum localizada no bairro Sur de Montevideú, e que se integrou à Federação. A FAU tinha presença em alguns grêmios proeminentes e especialmente nos centros estudantis. Foi ali, entre 1957 e 1958, que Alfredo Errandonea se tornou líder estudantil de renome após liderar a greve universitária que se seguiu à aprovação da nova norma reguladora, o que implicou confrontar diretamente o governo de Luis Batlle Berres. Alfredo chegou até mesmo a ser presidente da Federação de Estudantes Universitários do Uruguai, um posto insólito para um estudante de ideias radicais, graças a uma tensa situação entre colorados³ e comunistas, desempatada em favor dos representantes anarquistas. Em 1959, após viajar à China, foi eleito delegado estudantil no conselho diretor da Universidad de la República. Ali votou pela criação do Departamento de Extensão Universitária, uma proposta que provavelmente importou da Argentina, onde havia sido fomentada por anarquistas, especialmente por Guillermo Savloff, assassinado pouco depois.

A FAU era uma organização jovem, à qual se integrou uma geração de anarquistas também jovens e muito ativos em seu meio social e que, sem dúvida, teria crescido e influenciado a cena política de seu país, talvez mais do que qualquer outro país latino-americano, mas isso não foi possível. Ela se dividiu em 1963. Muitas foram as diferenças que se acumularam nesses anos, como os debates so-



Um homem de ideias na sociologia uruguaia...

bre a prioridade do movimento operário sobre outras lutas possíveis e posições opostas sobre a violência revolucionária. Mas o maior motivo de ressentimento dizia respeito à influência que a Revolução Cubana vinha conquistando em todo continente e em todos os grupos que se definiam como de esquerda, incluindo os anarquistas. À distância, a causa da divisão suscita uma amargura retrospectiva, pois o entusiasmo de boa parte dos anarquistas uruguaiois com o fenômeno cubano foi, ao fim e ao cabo, algo passageiro, e a história subsequente do regime castrista demonstraria que eles não tinham razão. Mas já era tarde.

Curiosamente, o setor majoritário que manteve a sigla da organização foi o pró-cubano; fato que obrigou o minoritário setor dos anarquistas “puros” a fundar a Ação Libertária Uruguaia a fim de continuar sua difusão de ideias e atividades. Alfredo Errandonea se foi com o grupo perdedor, onde também estavam seu irmão Jorge, então diretor do curso de Belas Artes, a professora e estudiosa Luce Fabbri, toda Comunidad del Sur e professores e estudantes de Belas Artes e Medicina. Na FAU ficaram as correntes do movimento operário e alguns núcleos estudantis, além de muitos homens de valor, como Idilio de León, Gerardo Gatti e León Duarte, todos sequestrados e assassinados na Argentina, anos mais tarde. Tudo isso ocorria num contexto de crescente conflito social e de guinada à direita dos governos de Jorge Pacheco Areco e Juan María Bordaberry, que culminaria com golpe de Estado, presos a granel, a rotina das torturas e várias dezenas de desaparecidos.

O porvir seria funesto para ambos os grupos. As atividades da FAU foram proibidas entre 1967 e 1971, período em



que continuaram na clandestinidade. Talvez tenha sido essa a condição que motivou a formação de um grupo interno específico, a ROE (Resistência Operário-Estudantil), que se dedicou principalmente às “expropriações bancárias”, pagando a ousadia com presos e mortos. A intensidade da perseguição fez com que os anarquistas da FAU fossem a Buenos Aires, não antes de conformar um grupo armado de enfrentamento do governo de facto de Bordaberry, a POR 33 (Organização Popular Revolucionária 33 Orientales). Na Argentina, a maioria foi capturada, sendo “desaparecida” em Buenos Aires ou depois de seu traslado a Montevideú.

Os sobreviventes optaram por uma linha política marxista, dando origem ao Partido pela Vitória do Povo, mais adiante integrado à Esquerda Democrática Independente, já na democracia, e esta mesma foi encampada pela Frente Ampla. No mais, a Comunidad del Sur foi fechada e seus integrantes tiveram que partir para o exílio; a Escola de Belas Artes sofreu uma intervenção e o Curso de Sociologia teve as portas fechadas à força. Depois de um breve período na prisão, Alfredo partiu para Buenos Aires onde, tanto durante a ditadura como depois das eleições de 1983, deu conferências em lugares anarquistas e também participou da revista ácrata *Utopía*.

IV

Alfredo sempre ruminava a possibilidade de preparar uma história social do anarquismo uruguaio, mas nunca o fez. A verdade é que os problemas do anarquismo eram, para ele, uma obsessão constante. Escreveu um livro, *Sociología de la dominación*, e um tanto de notas jornalís-



Um homem de ideias na sociologia uruguaia...

ticas e artigos de revistas cujo tema exclusivo era a ideologia libertária, a qual chamava de “a opção mais difícil”. Errandonea acreditava que os anarquistas deviam revisar sua própria história e seu legado. Muitas de suas certezas tradicionais não eram tão certas assim no final do século XX: era preciso recomeçar quase do zero. Quatro problemas estavam por ser pensados: os trabalhadores tinham sido seduzidos e capturados pelos hábitos do consumo supérfluo; os anarquistas ainda eram capazes de uma crítica intelectual incisiva ao sistema de dominação, mas sua incidência nas lutas sociais era muito escassa; além disso, as mudanças no “espaço público”, diferenciado da ordem estatal, os haviam atordoado. Por fim, a imagem romântica da revolução, que durante tanto tempo tinham idealizado, tinha se tornado irreal. Isso era muito do que era necessário revisar, partindo de uma consigna que Alfredo Errandonea propôs em 1987: “Mais liberdade e mais igualdade”. Essa é a pedra de toque da sensibilidade política libertária.

Errandonea analisava os conflitos e as injustiças em torno de dois princípios da doutrina anarquista: que as distorções da organização social são causadas pela existência de um poder separado da comunidade e que não é possível dar lugar a relações sociais livres se a propriedade não fosse socializada, “por mais antiquado que isso pareça”, conforme assinalou em 1993. Pensava, ademais, que os anarquistas dispunham de um campo de ação desaproveitado no espaço público expropriado pelo Estado. O público não deveria confundir-se com os governos de turno nem com o domínio a cargo do aparato estatal, pois a existência de um espaço político não governativo existe tanto “dentro” como “fora” da área ocupada pelas burocracias estatais. Os par-



ques, as praças, o sistema educacional ou de saúde são parte do “setor público”, mas pertencem à comunidade. Certas autonomias relativas, como as que desfrutam as universidades e os municípios, são formas de descentralização importantes para uma estratégia de ação anarquista, com vistas a potencializar seus graus de autonomia e descentralização. É uma opção particularmente realizável no Uruguai, país com tradição cooperativista e cívica.

V

Alfredo Errandonea foi uma figura arquetípica do anarquismo uruguaio. Era um homem do saber a quem não ocorreu abdicar de suas ideias, um homem que estudou a sociedade de seu país com mentalidade libertária. Antes houve outras figuras públicas no Uruguai de firmes posições anarquistas. O primeiro de todos foi Florencio Sánchez (1875-1910), homem de letras pleno de ideias sociais que expôs os conflitos de sua época em dramas, comédias e operetas, como também em artigos jornalísticos e ensaios políticos. Um contemporâneo seu, Roberto de las Carreras (1875-1963), representou o papel do poeta “imoralista”, o do homem sensualista e dândi, propagandista do amor livre em uma sociedade timorata. É uma terceira figura do anarquismo uruguaio, chegada da Itália, foi Luce Fabbri (1908-2000), mulher estudiosa das obras de Maquiavel e Leopardi, professora de letras que dedicava suas horas livres a publicar revistas ácratas. Todos eles, junto ao historiador Carlos Rama (1922-82) e a Luigi Fabbri (1877-1935) e Eugen Relgis (1895-1997), homens de ideias, deixaram marcas nas letras e no pensamento do Uruguai. De fato, o anarquismo sempre teve um lugar na



Um homem de ideias na sociologia uruguaia...

cena política uruguaia, como setor minoritário, reconhecido e respeitado. Talvez o laicismo próprio dos uruguaioi tenha favorecido sua recepção. No frontispício da Universidad de la República, gravados em pedra, estão os nomes de Elisée Reclus e Pierre-Joseph Proudhon, dois homens de ciência e anarquistas. O nome de Alfredo Errandonea tampouco destoaria nessa pedra.

Tradução do espanhol por Thiago Rodrigues

Notas

¹ José Batlle y Ordóñez foi presidente do Uruguai por duas vezes (1903-1907 e 1911-1915) quando comandou um processo de reformas políticas considerado progressista, associando políticas assistencialistas e de livre mercado. O Uruguai da chamada “Era Batllista” ficou conhecido como a “Suíça Sul-americana” pela sua aparente estabilidade política e social. (N.T.)

² O autor refere-se ao Rio da Prata. Alfredo Errandonea utilizava o serviço de *ferry boat* que liga diariamente Montevidéu a Buenos Aires. (N.T.)

³ O Partido Colorado foi formado no contexto das guerras de formação nacional do Uruguai, nas décadas de 1830 e 1840. Alternou-se no poder político com o Partido Blanco, formado no mesmo ambiente, reunindo diversas tendências políticas, como liberais e battlistas. Em 2005, a Frente Ampla, conformada por tendências de esquerda, venceu as eleições presidenciais com Tabaré Vázquez à frente, seguido, em 2010, pela vitória de José Mujica, também dessa aliança partidária. (N.T.)



Resumo

A biografia política de Alfredo Errandonea é a via de acesso para uma apresentação das lutas políticas e do ambiente anarquista do Uruguai entre finais dos anos 1940 e os anos 1990. Errandonea foi um ativo sociólogo engajado nos movimentos anarquistas uruguaio e argentino que desenvolveu uma original análise da situação política e econômica da América do Sul durante as décadas de autoritarismo. Sua vida confundiu-se com os mais importantes eventos políticos desses dois países, revelando muitas das principais questões e dilemas dos libertários que enfrentaram aqueles anos de repressão e violência. Palavras-chave: anarquismo, movimento anarquista, Uruguai.

Abstract

Through a memoir of Alfredo Errandonea life and political activism the author describes the political struggles and the anarchist environment in Uruguay from the late 1940's until the 1990's. Errandonea was an active sociologist engaged in the Uruguayan and Argentine anarchist movement who developed an original analysis of the South American political and economic situation during the decades of authoritarianism. His life was intertwined with the major political events in both countries revealing most of the main issues and dilemmas of the libertarians who faced those years of repression and violence.

Keywords: anarchism, anarchist movement, Uruguay.

A man of ideas in the Uruguayan sociology: Alfredo Errandonea in the remembrance, Christian Ferrer.

Recebido em 20 de janeiro de 2013. Confirmado para publicação em 15 de abril de 2013.